

AS DUAS CRISES DA BIBLIOTECONOMIA

José Teixeira COELHO NETO
USP

RESUMO

Discute em linguagem coloquial a inadequação do bibliotecário frente às novas tecnologias. Distingue duas crises na Biblioteconomia: uma fruto da revolução tecnológica e outra crise de mentalidade gerada pelo corporativismo e cristalização de papéis e representações sociais.

Palavras-chave: Crise na Biblioteconomia; Revolução tecnológica; Formação do bibliotecário; Educação do bibliotecário.

A crise da Biblioteconomia resulta em duas forças que sobre ela agem a partir de pontos de aplicação distintos.

Um ponto é externo à Biblioteconomia e se materializa em sua nêmesis declarada: a computação, que colocará em pouco tempo na casa de cada um de nós um terminal eletrônico de informação. Essa invasão silenciosa já começou, seu primeiro passo foi dado há mais de 40 anos quando se iniciaram as transmissões abertas de televisão. Sua cabeça de ponte é o aparelho receptor de TV, que funcionou como veículo para o segundo passo da invasão - a chegada da TV a cabo* - e que servirá de cavalo para o terceiro momento dessa transformação radical: o início das operações de receptor de multimídia (já existente), sensível às transmissões de TV aberta, TV a cabo,

() Para ter-se uma idéia da força dessa invasão, basta lembrar que na Argentina - que não é nenhum modelo de país desenvolvido - 53% dos lares já estão conectados a uma servidora de emissão a cabo.*

telefone e Internet, além claro, do CD-ROM. Tudo num único aparelho, tudo ao alcance do controle remoto. O mesmo botão que liga o novo horizonte da informação desliga a velha Biblioteconomia da *new age* informacional.

Estas alterações acabam com vários universos que antes eram da biblioteca - acabam, para usar palavra mais chique, com velhos paradigmas da Biblioteconomia. Acabam, por exemplo, com o paradigma do retiro: a biblioteca como um lugar à parte aonde se vai para obter informação e pesquisar, não tem mais razão de ser. O saber (quer dizer, a informação) era antes pretexto de um culto do qual a biblioteca era o templo físico. Esse culto foi laicizado - para não dizer profanado: não há mais um templo de informação, minha casa é esse templo, os deuses desceram do Olimpo e estão em minha casa, enquanto janto, converso, às 8 da manhã quanto às 3 da madrugada. Acabaram também com outro paradigma que sustentou amplamente a Biblioteconomia: o paradigma da raridade. Informação não é mais coisa rara: ela está por toda parte, em múltiplas formas. Custa dinheiro ainda, mas bem menos do que antes e cada vez menos. Informação não é mais coisa rara nem insubstituível: o que o documento X me diz, o Y me diz também quase da mesma forma ou de outra forma equivalente. E a informação não é mais insubstituível - a maioria das informações, em todo caso - porque não há mais uma verdade única: os caminhos que levam à fonte agora são inúmeros, não há mais guardas na fronteira para saber se você está de posse da identidade ideológica, teológica ou doutrinária correta e não há mais nem mesmo as fronteiras.

As informações não são mais insubstituíveis (portanto a biblioteca não é mais o templo único, nem o bibliotecário um oficiante sagrado) porque ao mesmo tempo em que a informação se multiplicava, antes mesmo de a informação começar a se multiplicar, uma revolução na ciência (na dura e na mole) abolira os monopólios do conhecimento, para o bem e para o mal. Encerrou-se também o paradigma do intercessor cultural, do qual o diretor de leituras jesuíta era uma manifestação e o bibliotecário, outra (não muito diferente...).

Não há mais espaço para aquele que escolhe o que se vai guardar, para aquele que sugere o que se deve ler: cada um de nós se transformou num guerrilheiro da informação, cuja arma é o

computador, e todos nós, cada um de seu lado, assediamos agora, via Internet, as fortalezas do saber - que só se mantêm incólumes quando há congestionamentos nos acessos (mas novos *softs* resolverão isso num instante). Estamos em plena fase do selvagismo informacional - e não serei eu a dizer que as pessoas "de todo modo ainda precisam ser orientadas para o que procurar" etc.: as pessoas sabem muito bem o que querem. Se não sabem, descobrem logo.

A Biblioteconomia perdeu esses paradigmas todos, essas bóias de demarcação, e não é que *não sabe* para onde olhar: *não adianta* olhar para lugar algum porque por toda parte se espalham os concorrentes da biblioteca, as vendedoras de acesso às redes e os vendedores de CD-ROM.

Deste cenário, não é exatamente que a biblioteca e o bibliotecário desaparecem - já. As bibliotecas continuam existindo - mas tendem a se transformar em centros de alimentação de bases de dados informatizadas ou em bibliotecas virtuais. E os bibliotecários continuam existindo - mas um bibliotecário, não mais do que um, é capaz de "tocar" agora uma imensa biblioteca informatizada, como já acontece no Japão.

As empresas vão continuar precisando de bibliotecários (documentalistas) para organizar seus estoques de informação. Mas não há como minimizar o fato de que as companhias de informação preparam cada vez mais pacotes prontos que qualquer executivo pode manipular, ele mesmo, e atualizar. Não há tampouco como esconder que essas companhias ainda vão contratar bibliotecários para organizar os dados que venderão em pacotes - mas não contratarão só bibliotecários e, pior, contratarão cada vez menos bibliotecários e cada vez mais especialistas em domínios bem definidos e que, *incidentalmente*, também dominem as técnicas de Documentação e Biblioteconomia (nas quais aliás se instruem em algumas poucas semanas...)

A SEGUNDA CRISE DA BIBLIOTECONOMIA

E aqui se consegue ver a sombra da segunda força que anima a crise da Biblioteconomia, a força que lhe é aplicada a partir

de seu próprio interior - a força que ela mesma se aplica. Uma força específica ao caso brasileiro ou, em todo caso, uma força, um vírus, que não ataca todo o mundo igualmente. Essa força se origina dentro do processo de formação do bibliotecário no Brasil e tem um fortíssimo aliado no *esprit de corps* da profissão. O bibliotecário que se forma hoje no Brasil é um bibliotecário generalista que descobre cada vez mais que não detém nenhum conhecimento específico - porque esse conhecimento, essa tecnologia, está ao alcance imediato do primeiro que apresentar. A universidade durante muito tempo acompanhou o mercado que, no caso da Biblioteconomia, andava a passos de tartaruga. De repente, o mercado começou a dar saltos quantitativos e qualitativos a cada ano, depois a cada mês, depois a cada semana - e isto não é força de expressão.

A universidade não tem mais como acompanhar esse mercado no varejo: não pode comprar tão rapidamente quanto necessário as novas máquinas e os novos programas, não pode contratar os técnicos que saibam operá-los (professor-pesquisador não é exatamente para isso), não pode pôr no mercado, com a rapidez que o mercado exige (com a rapidez que o próprio mercado forma técnicos de que precisa), profissionais capazes de atender ao que o mercado deseja - pois a universidade tem de segurar esse pessoal dentro de seus muros por 4 longos anos. Não pode portanto acompanhar o mercado no varejo mas pode fazê-lo no atacado. E o atacado, em informação, é a especialização. Em outras palavras, para a Biblioteconomia abrem-se agora claramente dois campos: o da mão de obra pouco qualificada, que deveria ser preocupação de um curso técnico e não da graduação a ser oferecida aos profissionais de toda origem que queiram passar por um treinamento capaz de habilitá-los para o tratamento da informação em bem menos tempo dos que os atuais 4 anos gastos (gastos, é a palavra) na graduação.

Mas a universidade brasileira - quer dizer, nós - ainda não teve coragem para dar esse passo que corrigirá, com décadas de atraso, um desvio de rumo que deveria ter sido adotado há muito tempo. E os sindicatos dos bibliotecários, cegamente, tampouco apressa o passo da universidade... A atual pós-graduação em

Biblioteconomia não resolve o problema: ela é ultra-rarefeita (para não dizer que se define por procurar constantemente pêlo em ovo) e raramente se coloca problemas epistemológicos (é quase sempre aplicação de métodos consagrados que, na verdade, não precisam passar por mais nenhuma experimentação para demonstrar sua pertinência).

Essa pós-graduação não precisa acabar, há espaço para a pesquisa pura ou abstrata também em Biblioteconomia. Mas precisa ser complementada. E, antes, modificada. E, antes ainda, abrir-se. Os estudos de Biblioteconomia estariam, desse modo, aparentemente, na contra-mão do caminho atual da Universidade: já se sabe que é necessário garantir ao estudante universitário, seja qual for a especialidade por ele escolhida, uma formação e uma informação ampla de base humanista, que a universidade não mais fornece mas que deve voltar a fornecer. E esse estudante, antes de mergulhar nas profundezas de especialidade, deve na verdade ser capaz de mostrar-se suficientemente flexível (portanto, generalista) para poder enfrentar um mercado de trabalho sempre cambiante.

De outro lado, a Biblioteconomia parece pedir cada vez mais especialização. A contradição é apenas aparente, porque o estudante de Biblioteconomia, sendo um estudante de pós-graduação, já terá passado pela formação ampla de alguma graduação que tenha feito antes de chegar a Biblioteconomia. Enfiar informação em bases de dados informatizadas, qualquer um pode, não é necessário chamar um bibliotecário com 4 intermináveis anos de graduação. Mas um químico ou um engenheiro que seja ao mesmo tempo um bibliotecário/documentalista/cientista da informação (ou devemos escrever "cientista da informação" assim entre aspas?) é algo de muito especial que não se encontra em qualquer esquina. Mais: é algo que justifica a existência de um espaço universitário para a Biblioteconomia. Há outra saída para o bibliotecário, a ação cultural. Mas esta não exige menos especialização que a outra...

A crise da Biblioteconomia (que não é a crise da informação, nem da sociedade, muito menos do mercado) divide-se deste modo, neste momento, em uma crise dura - tecnológica - e uma outra

crise, esta mole - de mentalidade. A primeira crise deu frutos e estes são irreversíveis; com ela não há como lidar. Com a segunda sim. Depende da vontade.

Crise, como se sabe, significa decisão. É o que falta na Biblioteconomia.

Quer dizer, falta crise na Biblioteconomia.

ABSTRACT

Inadequacy of librarian's competencies towards new technologies is discussed bearing in mind the crises in Librarianship: technological and crises of mentality based on corporativism and social role's cristalization.

Key words: Crises in Librarianship; Technological revolution; Librarian's profile; Librarian's education.